

EDITORIAL

ANIMALIDADES E ZOOPOÉTICA: DOS TEXTOS ÀS TEORIAS

EDITORIAL

ANIMALITIES AND ZOOPOETICS: FROM TEXTS TO THEORIES

Marcado por diversas mutações, decisivamente acentuadas pelo incontido triunfo da tecnologia e pelo drástico fenómeno das alterações climáticas e do seu eco apocalíptico, o mundo sociocivilizacional de hoje afasta-se a passos largos da tradicional concetualização do humano enquanto instância de um lugar central e dominante na ecosfera.

Com efeito, é atualmente indesmentível a emergência de uma recodificação identitária através da qual se dá a erosão do antropocentrismo (a presunção sem ressalvas de o ser humano, qual ontologia imutável, significar um centro cardinal na órbita do qual tudo gravitaria) e a conseqüente reavaliação da força e da pertinência das espécies não-humanas nas condições de possibilidade de um ecossistema equilibrado e sustentável – ou seja: benéfico a todos os viventes.

A renúncia ao mundo regido pela convicção da inabalável superioridade humana (mundo hierárquico, vertical, tradicional) sobre as demais espécies e o investimento heurístico e estético-ideológico a favor de uma espécie de retorno a uma realidade primordial, em que o apelo do não humano, concebido em sentido razoavelmente lato, se faz (finalmente) ouvir, registam-se em todos os âmbitos.

Desde logo, nos mais vocacionados para o efeito, como é seguramente o caso da antropologia e da etologia (pense-se nos estudos de referência do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro ou em nomes como o da primatologista Jane Goodall e o do zoólogo e paleontólogo Stephen Jay Gould), mas também nos estudos literários com a ecocrítica, no conhecimento filosófico-ensaístico (e aqui, bem antes de Derrida e do seu emblemático ensaio *O animal que logo sou* e dos contributos filosóficos de Bruno Latour, convirá recuar até Montaigne, um dos possíveis marcos arqueológicos, em rigor, dos *Animal Studies*), no mundo económico-financeiro (com a chamada economia circular ou sustentável), para não falar nas figurações artísticas, sobretudo as de vasta difusão discursivo-narrativa (o cinema é disso perfeito exemplo).

Todas estas vertentes, e muitas outras, cada uma a seu modo, sensibilizam-nos para o facto de não podermos continuar a relacionarmo-nos com a natureza e com os seres não-humanos que nela se alojam como se esta e estes não passassem de uma mera moldura da nossa (problemática) presença. Numa palavra, todas as formas de vida afiguram-se essenciais à sobrevivência.

É objetivo deste 7.º número da *Revista 2i*, subordinado ao tema *animalidades e zopoética: dos textos às teorias*, trazer, no contexto dos estudos literários, mas não apenas (um dos estudos coligidos é de inspiração claramente filosófica, por exemplo), para a linha da frente do debate académico esta mudança sensível à legitimidade de todas as formas de vida, condição essencial para se perceber e problematizar a ocorrência (em curso) e a fundamentação teórico-crítica de um *new world*.

Assim, Antonia Marly Moura da Silva e Rosaly Ferreira da Costa Santos (“O trânsito entre o humano e o inumano no conto «O crachá nos dentes» de Lygia Fagundes Telles”), a partir de um conhecido conto da escritora brasileira imbuído de sobrenatural, abordam a questão do humano e do inumano sob o ângulo de um tópico extremamente presente na narrativa de cariz fantástica: o *duplo*.

Esther Maciel (“O espaço «zoo» da literatura. Animais e os limites do humano”), após rastrear as latitudes semânticas da palavra “animal”, comprovativas de a subalternização dos animais constituir uma prática cultural e historicamente situada, enfatiza o poder da literatura na desestabilização das posições e figurações identitárias tradicionais do animal. Quer porque o discurso literário questiona, e bem, a validade dessas posições e figurações, quer porque – ponto fundamental – propõe inusitadas reconfigurações da animalidade. O mesmo é dizer: transtorna a fixidez de significados e leituras tradicionais associados à definição do ser animal.

João Minhoto Marques (“Do animal à «intuição» «do sobrenatural»: faces do humano na recepção do bucolismo em Fialho de Almeida e Francisco Bugalho”), por sua vez, prestando atenção crítica à modernidade literária portuguesa, evidencia a partir da figuração do ceifeiro e, de modo mais geral, no quadro de uma poética bucólica, uma pertinente reflexão distintiva entre dois vultos maiores e incontornáveis da modernidade literária lusa – Fialho de Almeida e Francisco Bugalho –, sublinhando o quanto a influência do primeiro, nomeadamente no tocante ao zoomorfismo, se fez sentir na obra do segundo.

Luis M. Barbozas-Arias (“Aprender com las taltuzas. Ecologias porosas y el (re)surgimento de mundos infestados de vitalidade”), num estudo de grande interesse, leva o leitor até um território rural situado a norte da província de Cartago na Costa Rica. Nesse local, chamado San Geraldo de Oreamuno, o autor, particularmente atento aos desafios socioambientais colocados pela atual crise ecológica e à interação do humano com o animal, numa descrição deveras apaixonante, dá a conhecer o modo como a comunidade local coexiste ativamente com a espécie dos esquilos – uma coexistência complexa (e até ambígua) inscrita numa rede de resistência, vitalidade e morte.

Por seu turno, Maria Eduarda Goés, Mateus Evaldo Hughes e Wesley Kettle (“Devires da amazônia colonial. Animais e a floresta nos relatos de viagem sob uma perspectiva deleuze-guattariana”), servindo-se da teoria das multiplicidades de Deleuze e Guattari (e de conceitos como *liso*, *estriado* e *rizoma*), abordam os relatos científicos sobre animais produzidos no regime da colonização portuguesa da América no século XVI. A tese das autoras é a de as classificações científicas dos colonizadores terem originado a conversão de um «ecossistema amazónico» num «ecossistema colonial».

Tendo como objeto de estudo alguns contos de Clarice Lispector, Pedro Craveiro (“Questionar o humano pelo não-humano em Clarice Lispector”), por seu lado, recenseia na autora d’*A Hora da Estrela* a presença animal, e isso de modo a detalhar os mecanismos por intermédio dos quais a grande escritora brasileira equaciona, em diversas narrativas breves, as fronteiras do humano com o não-humano.

Taynnã de Camargo Santos (“O menino (mais novo) e o mundo (coberto de penas). A relação humano-natureza e a metáfora das aves em *Vidas Secas* (1938) e *O Menino e o Mundo* (2013)”), contrasta a obra maior de Graciliano Ramos, *Vidas Secas*, com a sua transposição para o cinema, levada a cabo por Alê Abreu sob o título de *O Menino e o Mundo*. Isto permite-lhe não só desvelar a transição do regime verbal para o audiovisual, com tudo o que isso presume e exige, como, afora outros aspetos, perspetivar ambos os textos (o texto-fonte, digamos assim, e o adaptado) na base da metáfora das aves, visto estas, tanto no escritor como na cineasta, surgirem dotadas de apreciável carga simbólica.

O estudo de Wellington R. Fioruci (“Horacio Quiroga: um escritor entre dois mundos”) procura mostrar, em dois contos de Horacio Quiroga – “Yaguai” e “O mel silvestre” – a existência de uma poética, como observa o autor, situada a meio caminho entre o ser humano e a natureza. Uma poética na qual, segundo W. Fioruci, ecoaria uma trágica vivência autobiográfica do escritor.

Na secção *Vária*, temos um interessantíssimo estudo de Pablo Núñez Díaz (“Identidade literária y fotografía: las portadas de la revista *Clarín*”) sobre as fotografias das capas da revista literária de Oviedo recentemente extinta. Trata-se, na sua maioria, de fotografias do poeta, diarista e crítico literário José Luis García Martín, diretor da publicação num arco temporal situado entre 1996 e 2022. Logo, como assinala com inteira justeza Pablo Núñez, não deixam de surgir pertinentes indagações: quais os lugares registados pelas fotografias? Como se correlaciona o conjunto desse material fotográfico com a obra de José Luis G. Martín? Emanará dessas fotografias de capa uma projeção literária? Se sim, qual?

Seguem-se duas resenhas sobre dois livros de poesia. Uma de Lara Rozados Lorenço relativa a *Ex-céntricas*, um livro de Ánxela Lema París e Sara Villar; a segunda, que, em boa verdade, é também outra forma de admitir à discussão o assunto da liminaridade homem / animal, assinada por Pedro Menezes, reporta-se à obra *Caninas*, de Andreia C. Faria.

Finalmente, este número da *Revista 2i* fecha com uma entrevista concedida pela escritora (e bióloga de formação) Marilar Aleixandre a María Xesús Nogueira Pereira (“O fio vermelho”). Uma entrevista, tal como a resenha anterior, que é ainda uma ocasião para se pensar na (re)formulação literária do animal na literatura, já que deles também trata a versátil, mas coesa e coerente nas suas preocupações ecológico-ambientais, obra de Marilar Aleixandre.

Em suma, e como terá já percebido sem custo o leitor, este número da *Revista 2i*, com o auxílio pericial dos colaboradores acima elencados, é um explícito convite à reflexão sobre as múltiplas implicações do redimensionamento da nossa ligação ao mundo animal, agora que vivemos sob o signo do Antropoceno. Uma reflexão assente sobretudo num *corpus* literário e, é certo, sem qualquer pretensão à exaustividade, mas certamente fundamentada e instigante o suficiente para, nesta matéria das liminaridades humano / animal, incitar à revisão de crenças, normas, práticas significantes, valores, expectativas e repertórios de possibilidades.

Talvez, por isso, não seja despidendo encerrar esta breve apresentação com um verso de Rosa Alice Branco, “A escrita é um cão a ganir à porta que se abre”, do livro, *Amor cão e outras palavras que não adestram*, ou melhor, com o poema do qual esse verso é o *incipit* e que aqui, cedendo à tentação do belo, transcrevemos na íntegra:

A escrita é um cão a ganir à porta que se abre
para lhe dar mimos, o agasalhar à lareira com
um osso farto e tanto o escorraça, mesmo se é
noite e uma carnificina de neve lhe imobiliza
as mandíbulas. O cão escava fundo e tapa, ou deixa
buracos escondidos como luras, outros como túneis
de metro ligando cidades e a porta abre ou fecha
mas o cão nunca desiste das palavras que não
adestram. Se o dono o castiga, sofre mais ainda
a dor animal esgravatando o alvoroço do poema
que tarda, por mais que as orelhas no ar
farejem a música e o focinho irrequieto mostre
as narinas dilatadas de desejo por um verso,
uma constelação de linhas onde todo o universo
se banhe num caudal de palavras honestas.

O cão a caminho das palavras duras de roer.

Sérgio Guimarães de Sousa
Ana Ribeiro

Marked by several mutations, decisively accentuated by the uncontained triumph of technology and the drastic phenomenon of climate change and its apocalyptic echo, today's socio-civilizational world is moving away from the traditional conceptualization of the human as an instance of a central and dominant place in the ecosphere.

Indeed, the emergence of an identitary recoding is currently undeniable through which the erosion of anthropocentrism takes place (the unqualified presumption that the human being, as an immutable ontology, signifies a cardinal centre in the orbit of which everything would gravitate) and the consequent reassessment of the strength and pertinence of non-human species in the conditions of possibility of a balanced and sustainable ecosystem – that is: beneficial to all living beings.

The renunciation to the world governed by the conviction of unshakable human superiority (hierarchical, vertical, traditional world) over other species and the heuristic and aesthetic-ideological investment in favour of a kind of return to a primordial reality, in which the appeal of the non-human, conceived in a reasonably broad sense, is (finally) heard, is recorded in all areas.

First of all, in those most dedicated to this purpose, as is certainly the case with anthropology and ethology (think of the reference studies by the anthropologist Eduardo Viveiros de Castro or names such as the primatologist Jane Goodall and the zoologist and paleontologist Stephen Jay Gould), but also in literary studies with ecocriticism, in philosophical-essayistic knowledge (and here, well before Derrida and his emblematic essay *The animal that therefore I am* and the philosophical contributions of Bruno Latour, it is convenient to go back to Montaigne, one of the possible archaeological landmarks, strictly speaking, of *Animal Studies*), in the economic-financial world (with the so-called circular or sustainable economy), not to mention artistic figurations, especially those with wide discursive-narrative diffusion (cinema is a perfect example of this).

All these aspects, and many others, each one in its own way, make us aware of the fact that we cannot continue to relate to nature and the non-human beings that live there as if both were nothing more than a mere frame of our (problematic) presence. In a word, all forms of life seem essential to survival.

The main aim of this 7th issue of *Journal 2i*, under the theme of *animalities and zoopoetics: from texts to theories*, is to bring, in the context of literary studies, but not only (one of the studies collected here is of clearly philosophical inspiration, for example), to the front line of the academic debate this sensitive change to the legitimacy of all forms of life, an essential condition for perceiving and problematizing the (ongoing) occurrence and the theoretical-critical foundation of a new world.

Thus, Antonia Marly Moura da Silva and Rosaly Ferreira da Costa Santos (“The transit between the human and the inhuman in the short story «O crachá nos dentes» by Lygia Fagundes Telles”), based on a well-known short story by the Brazilian writer imbued with the supernatural, address the question of the human and the inhuman from the perspective of a topic that is extremely present in the fantastic narrative: the double.

Esther Maciel (“The «zoo» space of literature. Animals and the limits of the human”), after tracing the semantic latitudes of the word “animal”, proving that the subalternization

of animals constitutes a culturally and historically situated practice, emphasizes the power of literature in the destabilization of the animal's traditional identity positions and figurations. Either because the literary discourse rightly questions the validity of these positions and figurations, or because – a fundamental point – it proposes unusual reconfigurations of animality. That is to say: it upsets the fixity of meanings and traditional readings associated with the definition of animal being.

João Minhoto Marques (“From the animal to the «intuition» «of the supernatural»: faces of the human in the reception of bucolicism in Fialho de Almeida and Francisco Bugalho”), in turn, paying critical attention to Portuguese literary modernity, evidences from the figuration of the reaper and, more generally, within the framework of a bucolic poetics, a pertinent distinctive reflection between two major and unavoidable figures of Portuguese literary modernity – Fialho de Almeida and Francisco Bugalho –, underlining how much the influence of the former, namely in terms of zoomorphism, was felt in the work of the second.

Luis M. Barbozas-Arias (“Learning with squirrels. Porous ecologies and the (re)emergence of worlds infested with vitality”), in a study of great interest, takes the reader to a rural territory located in the north of the province of Cartago in Costa Rica. In this place, called San Geraldo de Oreamuno, the author, particularly attentive to the socio-environmental challenges posed by the current ecological crisis and the interaction between human and animal, in a truly passionate description, reveals how the local community actively coexists with the species of squirrels – a complex (and even ambiguous) coexistence inscribed in a network of resistance, vitality and death.

For their part, Maria Eduarda Goés, Mateus Evaldo Hughes and Wesley Kettle (“Becomings of the colonial Amazon. Animals and the forest in travel accounts from a Deleuze-Guattarian perspective”), making use of Deleuze and Guattari’s theory of multiplicities (and concepts such as *smooth*, *striated* and *rhizome*), address scientific reports on animals produced during the Portuguese colonization of America in the 16th century. The authors’ thesis is that the scientific classifications of the colonizers led to the conversion of an «Amazonian ecosystem» into a «colonial ecosystem».

Having as his object of study some short stories by Clarice Lispector, Pedro Craveiro (“Questioning the human by the non-human in Clarice Lispector”), for his part, census in the author of *A Hora da Estrela* the animal presence, and this in order to detail the mechanisms through which the great Brazilian writer equates, in several short narratives, the borders of the human with the non-human.

Taynnã de Camargo Santos (“The (younger) boy and the world (covered in feathers. The human-nature relationship and the metaphor of birds in *Vidas Secas* (1938) and *O Menino e o Mundo* (2013)”), contrasts the greatest work of Graciliano Ramos, *Vidas Secas*, with its transposition to the cinema, carried out by Alê Abreu under the title of *O Menino e o Mundo*. This allows him not only to reveal the transition from the verbal regime to the audiovisual, with all that this presumes and demands, but also, in addition to other aspects, to put both texts in perspective (the source text, so to speak, and the adapted one) on the basis of the metaphor of birds, since these, both in the writer and in the filmmaker, appear endowed with an appreciable symbolic load.

The study by Wellington R. Fioruci (“Horacio Quiroga: a writer between two worlds”) seeks to show, in two short stories by Horacio Quiroga – “Yaguaí” and “O mel silvestre” – the existence of a poetics, as the author observes, located halfway between human beings and nature. A poetics in which, according to W. Fioruci, echoes a tragic autobiographical experience of the writer.

In the *Varia* section, we have a very interesting study by Pablo Núñez Díaz (“Literary identity and photography: the covers of the *Clarín* magazine”) on the photographs on the

covers of the recently extinct Oviedo literary magazine. Most of them are photographs made by the poet, diarist and literary critic José Luis García Martín, director of the publication between 1996 and 2022. Therefore, as Pablo Núñez rightly points out, pertinent questions do not cease to arise: what are the places registered by the photographs? How does this set of photographic material correlate with the work of José Luis G. Martín? Will these cover photographs emanate a literary projection? If so, which one?

Two reviews of two poetry books follow. One by Lara Rozados Lorenço on *Ex-cêntricas*, a book by Ánxela Lema París and Sara Villar; the second, which, in truth, is also another way of admitting the subject of the man / animal liminality to the discussion, signed by Pedro Menezes, refers to the work *Caninas*, by Andreia C. Faria.

Finally, this issue of *Journal 2i* closes with an interview given by the writer (and trained biologist) Marilar Aleixandre to María Xesús Nogueira Pereira (“The red thread”). An interview, like the previous review, which is still an occasion to think about the literary (re)formulation of the animal in literature, since it also deals with them in the versatile, but cohesive and coherent in its ecological-environmental concerns, work by Marilar Aleixandre.

In short, and as the reader will have already noticed at no cost, this issue of *Journal 2i*, with the expert help of the collaborators listed above, is an explicit invitation to reflect on the multiple implications of resizing our connection to the animal world, now that we live under the sign of the Anthropocene. A reflection based above all on a literary *corpus* and, it is true, without any claim to exhaustiveness, but certainly grounded and thought-provoking enough to, in this matter of human/animal boundaries, incite the revision of beliefs, norms, significant practices, values, expectations and repertoires of possibilities.

Perhaps, therefore, it is not inconsiderable to end this brief presentation with a line by Rosa Alice Branco, “Writing is a dog whining at the door that opens”, from the book *Amor cão e outras palavras que não adestram*, or rather, with the poem of which this line is the *incipit* and which here, yielding to the temptation of beauty, we transcribe in full:

Writing is a dog whining at the door that opens
to pamper him, wrap him around the fireplace with
a hearty bone and so much drives it away, even if it is
night and a carnage of snow immobilizes its
jaws. The dog digs deep and covers, or leaves
hidden holes like pits, others like tunnels
by subway connecting cities and the door opens or closes
but the dog never gives up on words that don't
tame. If the owner punishes him, he suffers even more
the animal pain digging into the poem's uproar
that is delayed, however much the ears in the air
sniff the music and the restless muzzle show
the dilated nostrils of desire for a verse,
a constellation of lines where the whole universe
bathe in a stream of honest words.
The dog on the way to tough words to chew. (translation by the editors)

Sérgio Guimarães de Sousa
Ana Ribeiro